

Jornal da Tarde

8/1/1985

TRABALHO

Usineiros voltam atrás. E a greve recomeça em Guariba.

O clima é tenso: sindicalistas ligados à CUT comentavam que, se não chover hoje, os bóias-frias cumprirão a promessa de atear fogo aos canaviais.

Nova greve de bóias-frias está marcada para hoje em Guariba: os usineiros voltaram atrás na proposta de pagamento de salário-desemprego aos mil desempregados da cidade, até que fossem reabsorvidos na colheita do amendoim, que começa dentro de duas semanas.

Alguns sindicalistas ligados à CUT (Central Única dos Trabalhadores) comentavam ontem em Guariba que, se não chover hoje, os desempregados cumprirão a ameaça de atear fogo aos canaviais. Alguns focos de incêndio estavam programados para domingo à tarde, mas os bóias-frias desistiram, após tomar conhecimento das condições oferecidas pelos usineiros, através do sindicato empresarial.

Em Brasília, o secretário do Trabalho do Estado de São Paulo, Almir Pazzianotto, disse ter sido comunicado pelos empregadores de que haviam concordado em conceder um auxílio financeiro aos desempregados, ajudar basicamente na aquisição de alimentos. Esclareceu que, "segundo os empregadores, não havia qualquer acordo de pagamento de salário-desemprego, mas eu só vou ver o problema amanhã (hoje), já em Guariba".

O presidente do Sindicato Rural de Guariba, José de Laurentiz Júnior, que havia apresentado a proposta de salário-desemprego domingo — o que provocou ontem a volta ao trabalho de cinco mil cortadores de cana, após quatro dias de paralisação —, desabafou, magoado, que "puxaram meu tapete".

Proprietários de usinas de todo Interior paulista reagiram com indignação diante da forma encontrada por Laurentiz para pôr fim à greve e se assustaram com o anúncio de que novas paralisações estão programadas esta semana para toda a região, reivindicando a mesma conquista dos desempregados de Guariba. Com isso, a anunciada recontração de 13 dirigentes sindicais demitidos pela Usina São Martinho também perdeu a validade.

José de Laurentiz, que no começo da tarde, distribuiu nota em Ribeirão Preto, atribuindo a divulgação de acordo extra-oficial "a um desencontro de informações veiculadas pela imprensa em geral", acabou admitindo, depois, ter sido abandonado pelos usineiros e ter de assumir sozinho a responsabilidade. "Até agora, não foi firmado qualquer acordo entre a classe produtora e as entidades representativas dos trabalhadores", disse.

Após uma reunião de mais de duas horas com representantes do Sindicato dos Trabalhadores de Guariba, da Fetaesp, do Ministério e da Secretaria do Trabalho do Estado, ele decidiu "contar a verdade".

"O acordo foi totalmente revogado e tudo volta à estaca zero", afirmou, alegando ter feito o que estava em seu alcance.

"Daqui pra frente — desabafou — as responsabilidades do que acontecer já não são minhas, fiz o que podia". Um de seus filhos confirmou que recebeu vários telefonemas de usineiros, inclusive de um que está passando as férias no Guarujá, alertando que a divulgação do pagamento do salário-desemprego, uma conquista sem precedentes, no País, criaria uma situação "insuportável", em todo o Estado.

A proposta de salário-desemprego — que seria em torno de Cr\$ 10 mil, equivalente à diária do bóia-fria na entressafra, foi feita pela manhã, pelo próprio Laurentiz, ao diretor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado, Hélio Neves. Explicando que se tratava de "um auxílio em caráter de solidariedade", ele reafirmou ter feito as propostas aos trabalhadores, depois de ter consultado os usineiros, aos repórteres do Jornal da Tarde, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. Mas, no final da tarde de domingo, ele próprio desmentiu isso em entrevista à TV Cultura. Ontem, deu uma nova versão, segundo a qual apenas hoje teria procurado os usineiros e ficado "sozinho no barco", pois eles se negaram a qualquer entendimento.

Novas greves

"O Laurentiz vomitou tudo o que comeu e falou até agora", reagiu, ao deixar a reunião realizada em Jaboticabal, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, José de Fátima Soares, acusando-o de ter "recebido muito dinheiro para falar essas coisas, terminar com a greve. e agora voltar atrás". Em assembléia realizada à noite na igreja católica local —, cedida pelo padre polonês José Vilaska por causa das fortes chuvas que caíram na cidade — cerca de cem desempregados decidiram formar novos piquetes nas seis saídas da cidade a partir das quatro horas da madrugada de hoje. Após a assembleia, grupos de cortadores de cana foram aos bairros de bóias-frias avisar os cinco mil trabalhadores rurais e pedir apoio para a nova paralisação. Desta vez, disse José de Fatima, todos os 13 itens reivindicados anteriormente voltarão à pauta e "a briga vai ser para valer".

"Tudo que acontecer daqui para frente será de responsabilidade dos usineiros", advertiu o diretor da Fetaesp, Hélio Neves.

Nem o próprio Sindicato nem as entidades que apóiam o movimento acreditam numa paralisação geral hoje, mas todos são unânimes em afirmar que ela não será pacífica.

O comandante da 3ª Companhia do 13º Batalhão da Polícia Militar de Araraquara, capitão Milton Pink, que pretendia liberar ontem os quase 250 policiais que estão de prontidão na Delegacia de Polícia de Guariba, disse que agora já não sabe quanto tempo eles permanecerão na cidade. Segundo ele, destacamentos de 33 municípios sob seu comando estão em estado de alerta para entrar em ação.

Ontem mesmo, dirigentes da Fetaesp voltaram a entrar em contato telefônico com 12 sindicatos dos trabalhadores rurais com área de atuação em 20 cidades vizinhas, para estender o movimento e já acreditam em uma greve gigante envolvendo 100 mil bóias-frias. Uma assembléia está marcada para a noite em Barrinha. Em Sertãozinho, dez mil bóias-frias estavam apenas esperando a definição de Guariba, para iniciar seu movimento por melhores salários.

Galeno Amorim, da AE Sertãozinho.